



Esta obra está licenciada  
com uma Licença Creative  
Commons Atribuição-Não  
Comercial-Compartilha  
Igual 4.0 Internacional.

**Christian Laval**   
Professor emérito de Sociologia  
na Universidade Paris-Ouest  
Nanterre-La Défense  
[christian.laval@parisnanterre.fr](mailto:christian.laval@parisnanterre.fr)

Tradução de:  
**Ana Maria Leite de Barros**<sup>1</sup>   
Universidade Federal do  
Espírito Santo - UFES  
[amleitedebarros@gmail.com](mailto:amleitedebarros@gmail.com)

<sup>1</sup>Com revisão técnica de Cláudio Zanotelli.

Artigo recebido em:

03/10/2022

Artigo aprovado em:

31/10/2022

Artigo publicado em:

01/12/2022

## “Wokismo” ou a guerra cultural à francesa

*“Wokisme” or the French culture war*

*“Wokisme” o la guerra cultural francesa*

*Le “wokisme” ou la guerre culturelle à la française*

### RESUMO

Transcrição da exposição do autor na Jornada de Estudos do GENA (Grupo de estudos sobre o neoliberalismo e alternativas), em 30 de maio de 2022 no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM), Paris.

**PALAVRAS-CHAVE:** wokismo; guerra cultural; inimização; extrema direita; neoliberalismo.

### ABSTRACT

Transcript of the author's exhibition at the GENA (Neoliberalism and Alternatives Study Group) Study Day, on May 30, 2022 at the National Conservatory of Arts and Crafts (CNAM), Paris.

**KEYWORDS:** wokism; culture war; enmity; far right; neoliberalism.

### RESUMEN

Transcripción de la exposición del autor en el GENA (Grupo de Estudio Neoliberalismo y Alternativas) Study Day, el 30 de mayo de 2022 en el Conservatorio Nacional de Artes y Oficios (CNAM), París.

**PALABRAS-CLAVE:** wokismo; guerra cultural; enemistad; extrema derecha; neoliberalismo.

### RÉSUMÉ

Transcription de l'exposé de l'auteur à la Journée d'études du GENA (Groupe d'études sur le néolibéralisme et les alternatives), le 30 mai 2022 au Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM), Paris.

**MOTS-CLÉS:** wokisme; guerre culturelle; ennemisation; extrême droite; néolibéralisme.

## INTRODUÇÃO

Vamos primeiro lembrar brevemente o que desenvolvemos sobre guerras culturais ou guerras de valor no capítulo 8 de nosso livro *A escolha da guerra civil*. Sublinhamos o quanto o neoliberalismo conseguiu se impor jogando com a divisão dentro da população em nome dos valores tradicionais e, mais precisamente, notamos, e cito, que “[o] deslocamento da oposição política no terreno dos valores constitui um dos fenômenos políticos mais importantes das últimas décadas. Permite, na verdade, explicar como o neoliberalismo apropriou-se do espaço dos possíveis políticos e como a versão mais autoritária e conservadora do neoliberalismo pôde triunfar em um certo número de países” (Dardot *et al.*, 2021, p. 206)<sup>2</sup>.

A cena intelectual e política francesa oferece uma ilustração impressionante disso, embora extremamente complexa. É esse aspecto, atual e francês, que gostaria de apresentar aqui.

Especificamos, seguindo Nancy Fraser, que o próprio neoliberalismo pôde assim ser dividido em dois ramos ou dois lados, um neoliberalismo conservador e reacionário, e um neoliberalismo mais liberal em termos de costumes e liberdades individuais, aparentemente mais sensível às minorias e à discriminação. No entanto, essa divisão continua a levantar questões, particularmente na França. Nesse país, o “extremo centro” macronista nunca deixou de adotar a linguagem da extrema direita sobre a questão dos chamados valores até a nomeação do novo governo (vol-

taremos a isso) e realizar campanhas extremamente violentas contra tudo aquilo que se assemelhava a “valores de esquerda”, redistribuição, acolhimento de refugiados, igualdade, a fim de promover, inversamente, “valores de direita”: identidade nacional, segurança, ordem pública, e isso em nome da República, em nome da laicidade. Há motivos para colocar em dúvida essa partição proposta por Nancy Fraser. É claro que, para continuar com o caso francês, a direita neoliberal e a extrema direita se opõem (como vimos no segundo turno das eleições presidenciais), não há fusão, mas também vemos, ao mesmo tempo, tudo o que elas compartilham: não apenas a mesma concepção econômica que vê os impostos e as regulamentações sociais como obstáculos ao crescimento, mas também toda uma série de retóricas violentas vindas diretamente da extrema direita, e retomadas por grande parte da mídia.

A denúncia de “esquerdismo islâmico”, do comunitarismo, do “indigenismo”, do separatismo e agora do *wokismo*, são amplamente comuns a eles. Mas há mais, e isto talvez seja o mais preocupante. Grande parte dessa retórica denunciatória é ecoada por indivíduos ou grupos que estão à esquerda ou que afirmam estar à esquerda. Um desses movimentos ditos de esquerda chama-se *Printemps républicain* [Primavera Republicana] que, desde 2016 quando foi criado, não pretende mais se opor à esquerda e à direita, mas aos “republicanos” e aos “comunitaristas”. Por comunitaristas entende-se essencial-

2. N.T.: A tradução da citação está de acordo com a versão em português do livro *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. São Paulo: Editora Elefante, 2021, p. 206, e referenciada ao fim do texto.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35  
Julho-Dezembro, 2022  
ISSN: 2175-3709

mente os “islamistas”, ou seja, os muçulmanos.

Essa retórica vem da extrema direita, mas como Corcuff e Marlière mostraram, estamos testemunhando uma confusão generalizada na qual os temas da extrema direita também se difundiram na esquerda, com, cito, “a valorização patriótica da nação, a crítica a nível internacional (que se traduz num discurso com conotação eurofóbica e anti-imigração sob o pretexto da crítica à União Europeia e à globalização neoliberal) e a promoção de um “universalismo republicano” teórico que desqualifica qualquer discurso que examine as aporias práticas do republicanismo francês (alergia ao multiculturalismo, desinteresse pela discriminação racial e de gênero, racismo e islamofobia)”<sup>3</sup>. E poderíamos fazer aqui uma longa lista de todos aqueles que, à esquerda, favoreceram um chauvinismo francês que hoje se volta contra os intelectuais críticos. Na França, há uma tentativa de dividir o espaço político reunindo os chamados nacionalistas republicanos e os outros, os primeiros exaltando um universalismo puramente francês, até mesmo hiperfrancês. Se não há fusão entre a extrema direita, direita e parte da chamada esquerda republicana, há de qualquer modo um amplo consenso sobre identidade, segurança e nacionalismo.

Eu gostaria aqui de me concentrar mais especificamente nos ataques que visaram a universidade, a pesquisa e os professores que, primeiro, foram acusados de islamo-esquerdismo, de cumplicidade com os

jihadistas e, depois, cada vez mais, de “wokismo”.

Meu ponto aqui é ilustrar e, ao mesmo tempo, desenvolver a ideia segundo a qual estamos vivendo na França em um momento de desqualificação das ciências sociais e do pensamento crítico em geral, que não vem apenas da extrema direita ou da direita mais radical, mas de um espaço político e ideológico mais amplo, incluindo grande parte daqueles que foram considerados aqui no GENA como atores do neoliberalismo, sejam eles de direita ou de esquerda. E é justamente esse ponto que pode nos levar a uma comparação interessante com o que está acontecendo em outros países, como no Brasil, na Turquia ou nos Estados Unidos.

## UM COLÓQUIO ESTRANHO

Vou começar com um pequeno evento que pode ter escapado aos nossos amigos estrangeiros, mas que aqui fez algum barulho. Trata-se do colóquio realizado na Sorbonne nos dias 7 e 8 de janeiro de 2022, organizado por várias associações, incluindo o *Observatoire du Décolonialisme* [Observatório do Decolonialismo], e apresentado pelo próprio Ministro da Educação Nacional, Jean-Michel Blanquer. A personalidade de Blanquer não deve ser negligenciada: professor de direito público, depois alto funcionário da educação e, finalmente, ministro (o mais antigo neste cargo). Ele também se tornou um feroz ativista antiwokista. Em outubro de 2021, criou um “Laboratoire de la République” [Laboratório da República], apresentado

3. MARLIÈRE, P. *Prendre au sérieux le “confusionnisme politique”* [Levando o “confusionismo político” a sério]. AOC, 7 oct. 2021. Acesso em: <https://aoc.media/opinion/2021/10/06/prendre-au-serieux-le-confusionnisme-politique/>.

principalmente como arma contra o “wokismo”.

O tema do colóquio foi o “desconstrucionismo”, que os organizadores descreveram como a vanguarda da destruição do pensamento civilizado, ou o empreendimento mais perigoso de destruição do universalismo à francesa. O programa de ação proposto pelo simpósio visava “desconstruir a desconstrução”. O que soa um pouco como uma piada se essas pessoas não estivessem falando sério.

O que foi dito durante esse infame colóquio? O ministro Blanquer, que deixou o cargo na semana passada [20 de maio de 2022] após cinco anos no ministério, resumiu muito bem a questão: “Depois de ter fornecido o vírus, devemos fornecer a vacina”, disse. A doença em questão, que infectou o mundo, é o vírus desconstrutivo. E é isso que deve ser curado. O que a França exportou é uma doença global do pensamento, uma doença em processo de universalização que ameaça o verdadeiro universalismo, que, como se suspeita, é francês. É um grande paradoxo que autoridades governamentais, jornalistas, ensaístas e acadêmicos estejam atacando seções inteiras da teoria crítica francesa em nome de uma espécie de superioridade do chamado universalismo republicano francês.

Considerar um movimento do pensamento, uma corrente crítica, as obras intelectuais como produto de uma doença do corpo social não é novidade. Essa própria imagem médica do vírus e da vacina é em si mesma muito interessante; é um dos topos do discurso da deca-

dência, que é a marca registrada do pensamento reacionário. E é mesmo um grande clássico do pensamento reacionário. Podemos nos referir aqui a Hippolyte Taine, que em *Origines de la France contemporaine* [Origens da França Contemporânea], após a derrota de 1870 e da Comuna de Paris, argumentou que a Revolução Francesa foi a doença francesa, a origem da sua decadência e da sua dissolução, a origem da divisão de classes, da guerra civil e do socialismo. Blanquer assumiu a liderança, desde pelo menos 2019, de uma espécie de cruzada moral, primeiro denunciando acadêmicos e militantes islamo-esquerdistas que devastariam a universidade e a pesquisa, e depois, mais recentemente, mudando o alvo, o desconstrucionismo. Trata-se, disse o ex-ministro, de “*parar de ficar na defensiva, temos agora de organizar a contraofensiva. A República está sendo desafiada e afrontada. Não devemos ser ingênuos perante as forças da fragmentação*”. Note-se que ele pegou o bonde andando. Durante os últimos dois ou três anos, um grupo de acadêmicos vêm multiplicando intervenções coletivas na imprensa alegando que a universidade está ameaçada pelo pós-colonialismo, que a pesquisa está sendo invadida por questões feministas e antirracistas e por uma matriz intelectual comunitarista vinda de campi norte-americanos. A ministra do Ensino Superior, Frédérique Vidal, chegou a afirmar em fevereiro de 2021 que a sociedade e a universidade estavam “infectadas pelo islamo-esquerdismo”. A acusação



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35  
Julho-Dezembro, 2022  
ISSN: 2175-3709

foi rapidamente esvaziada, pois tais afirmações não foram comprovadas. O termo usado por ela era um pouco estranho, parecido com o “judeu-bolchevismo” que a extrema direita usava no período entre guerras.

## O FANTASMA DO WOKISMO

Foi por ocasião deste colóquio, um ano depois da campanha contra o islamo-esquerdismo, que uma nova palavra, que começou a circular em alta velocidade, a qual, no início, pode-se supor que muitos não entendiam o seu significado, a palavra “wokisme”, neologismo francês, derivado do inglês “woke”, que significa acordado ou despertado, foi erigida como um termo pseudocientífico. A palavra “wokisme” faz agora parte do léxico muito particular da extrema direita e da direita, de membros do governo e até mesmo de parte da esquerda, aquela que quer ser “universalista e republicana”. É agora uma das palavras e expressões infames, juntamente com algumas outras: islamo-esquerdismo, é claro, mas também interseccionalidade, teoria de gênero, decolonialismo, pós-colonialismo, *cancel culture*<sup>4</sup>, *woke*, wokismo, e, como acabamos de ver, desconstrução, para não mencionar a *French Theory* [Teoria Francesa]. Essas palavras são muito parecidas em sua indistinção e pela ausência de significado preciso. Não são palavras com conteúdo, mas termos ofensivos, palavras de guerra ideológica que visam “estigmatizar correntes políticas muitas vezes incomensuráveis, evitando perguntar

o que elas têm a dizer”<sup>5</sup>. Estas palavras também podem ser combinadas: Pierre-Henri Taiboillot, presidente do Colégio de Filosofia e coorganizador do colóquio da Sorbonne, denunciou a “desconstrução wokista”. Quanto mais as elencamos, parece que elas apontam a alguns fatos reais, mas, na verdade, estamos apenas adicionando vazio ao vazio. Na realidade, quando se lê ou se ouve os defensores deste antiwokismo, são sempre os mesmos acontecimentos que são invocados: a proibição de uma conferência em Bordeaux e de uma peça de teatro na Sorbonne e alguns outros acontecimentos muito raros, como uma reunião não mista nesta ou naquela universidade<sup>6</sup>. De qualquer forma, não há nada semelhante à invasão ou gangrena.

Mas o que esses críticos colocam sob o termo wokismo, além desses fatos anedóticos? Praticamente tudo o que eles não gostam atualmente nos movimentos pela igualdade. Este perigo imaginário torna possível englobar e amalgamar tudo. O processo consiste em produzir pânico morais infundados para frustrar um grande impulso igualitário e democrático que está se manifestando em quase todo o mundo, não apenas nos Estados Unidos. Basta pensar no impacto mundial do Black lives matter ou do #Metoo: é contra esse movimento profundamente democrático, antirracista, decolonial e feminista que a direita está se mobilizando com o apoio de alguns poucos partidários de esquerda. O wokismo, além disso, é visto como uma ameaça à razão, à ciência e à arte porque introduz a dimensão histórica e

4. N.T.: cultura de cancelamento.

5. DENIS, V. *L'agitation de la chimère “wokisme” ou l'empêchement du débat* [A agitação da quimera “wokismo” ou a interdição do debate]. AOC. Acesso em: <https://aoc.media/opinion/2021/11/25/lagitation-de-la-chimere-wokisme-ou-lempechement-du-debat/>.

6. Não estou dizendo aqui que a vertente “identitária” ou “indigenista” não existe, nem estou dizendo que não ocorreram efeitos de censura que não deveriam ter seu lugar na universidade.

sociológica da dominação e da desigualdade onde essa dimensão, segundo esses polemistas, não deveria ser invocada. E para melhor desqualificar o uso desta dimensão crítica, nada melhor do que caricatura, anedota, redução e amálgama. Assim, quando os palestrantes deste simpósio falam da “cultura woke”, eles não estão pensando no que significa o movimento woke nos Estados Unidos, como sendo uma atenção constante, uma vigilância sempre alerta, aos fenômenos de discriminação contra as mulheres, as minorias sexuais ou pessoas de cor, mas como um vasto empreendimento de subversão da cultura ocidental e do universalismo ao exigir direitos particulares ou, mesmo, privilégios que romperiam com a igualdade jurídica. Falar de “cultura woke” como eles o fazem, é designar uma cultura que seria destinada a substituir a cultura ocidental, sob o efeito do “pensamento decolonial”, que seria um pensamento essencialmente particularista que defenderia a superioridade das culturas pré-coloniais. Os organizadores do colóquio de janeiro denunciam o pensamento decolonial como sendo, e eu cito, “um dogma moral contra o espírito crítico” (...) com, “*in fine*, a tentação de anulação, ou seja, de uma tábula rasa do passado, da história, da arte, da literatura e de toda a herança civilizacional ocidental, doravante condenada ao pelourinho”<sup>7</sup>. Essa denúncia tem a mesma estrutura do racismo da extrema direita: a cultura francesa está ameaçada de “grande substituição” como estaria a população francesa por causa

da imigração segundo a teoria racista de Renaud Camus. Esse medo da grande substituição do pensamento universalista francês pela “cultura woke” faz parte do esquema de funcionamento do pensamento de extrema direita, da mesma forma que o islamo-esquerdismo. Com o wokisme, temos uma ilustração bastante perfeita do que chamamos de “inimização”, ou “fabricação de inimigos”.

### OS FALSÁRIOS DO UNIVERSALISMO

A campanha contra o pensamento decolonial não é, como acreditam ou proclamam os militantes dessa corrente, uma particularidade francesa, mas um *nacionalismo transnacional*, se me permitem a expressão, o da “direita global”. A singularidade francesa é que essa adesão aos temas anti-igualitários dessa direita global é feita em nome de valores aparentemente progressistas quando em outros lugares as mesmas guerras são travadas em nome de valores religiosos obscurantistas. Nos Estados Unidos, por exemplo, nos estados republicanos estão caçando educadores “woke” nas escolas públicas em nome da religião. O jornal *Le Monde* noticiou recentemente esta informação: “Seguindo o exemplo da Flórida, que a adotou no final de março, uma dúzia de estados, do Alabama a Ohio e Louisiana, colocaram em análise a chamada lei “Don't say gay” [Não fale ‘gay’], que proíbe a discussão da identidade de gênero ou orientação sexual nas escolas primárias. A educação sexual não está no programa, mas os opositores acreditam

7. TORANIAN, V. *Résister à la folie woke [Resistir à loucura woke]*, editorial 10 janvier 2022, *La Revue des deux mondes*, <https://www.revuedesdeuxmondes.fr/resister-a-la-folie-woke/>.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35  
Julho-Dezembro, 2022  
ISSN: 2175-3709

que a legislação visa principalmente intimidar todos os professores”<sup>8</sup>.

Essas denúncias políticas e pseudoacadêmicas, essas proibições são feitas na França em nome do “universalismo republicano”. A República, segundo esse discurso, não teria que conhecer os fenômenos de dominação específicos ligados à classe, gênero, raça e cultura. Porque fazê-lo seria cair, no plano da concepção de sociedade, no comunitarismo ou no “separatismo” (o que significa a mesma coisa para os líderes políticos) e no relativismo, no plano do pensamento. No entanto, a República, ainda segundo esse discurso, baseia-se na unidade do povo, é “indivisível”, não conhece grupos separados, não conhece minorias que teriam o direito de reivindicar tratamentos específicos que lhes seriam infligidos, nem mesmo conflitualidade. Da mesma forma, a ciência não reconhece pontos de vista particulares; os subordinados, as mulheres, os negros ou os magrebinos não têm pontos de vista particulares a apresentar porque a verdade é uma só, a ciência é uma só.

Há nessa denúncia do “wokismo” uma paixão pela unidade, a mesma que se encontra na denúncia do que pode “dividir” a famosa “comunidade de cidadãos”. É em nome da unidade do povo, assim como da unidade da verdade, que o wokismo deve ser combatido. O pensamento dito republicano opera segundo um dogmatismo pelo qual realmente existe um modelo de integração e igualdade para todos em uma comunidade nacional composta por

cidadãos que são todos tratados da mesma forma pela lei e pelas administrações. Na realidade, essa é a pura expressão do hipersobranismo ao estilo francês e seu culto ao Estado.

Não é muito difícil entender os vieses desse falso universalismo: a acusação de particularismos em nome de um universalismo tem algo de “logicamente perverso”. O universalista, ou o assim chamado, acusa de “wokismo” aqueles que lutam contra a discriminação de gênero, raça e religião. No entanto, o chamado universalista deveria ser o primeiro a combater essas discriminações, para ser um “universalista concreto”. Porque essas discriminações obedecem a critérios precisamente particularistas e desiguais: homens superiores às mulheres, brancos superiores aos negros, europeus superiores aos asiáticos (ou vice-versa), habitantes das zonas urbanas superiores aos das zonas rurais. Deve-se notar também que esses ataques aos defensores da igualdade ocorrem em um momento de reafirmação de um racismo sem remorso, de um supremacismo branco, que curiosamente é poupado por esses “republicanos”.

Um líder de direita, Bruno Retailleau, recentemente deu a chave desse universalismo ao atacar o novo ministro da Educação Nacional, Pap Ndiaye, que supostamente teria defendido pontos de vista que estariam em desacordo com os valores da República. Segundo Retailleau, esses valores implicam, e eu cito, uma “indiferença às diferenças”<sup>9</sup>. Temos aqui a afirmação clara de uma postura de

8. LESNES, C. *Aux Etats-Unis, face à la révolution conservatrice qui s'annonce, les démocrates organisent la résistance* [Nos Estados Unidos, diante da iminente revolução conservadora, os democratas organizam a resistência], *Le Monde*, 19 Avril 2022.

9. FRANCE INTER. “Le grand entretien” [A grande entrevista], 25 mai. 2022. Acesso em: <https://www.radiofrance.fr/franceinter/podcasts/l-invite-de-8h20-le-grand-entretien/l-invite-de-8h20-le-grand-entretien-du-mercredi-25-mai-2022-5641376>.

negação abstrata da realidade social em nome de uma “comunidade nacional” mítica.

Sem dúvida, também seria necessário substituir essa mística unitária em seu contexto global. A França nega aos povos indígenas nos territórios franceses o gozo dos direitos coletivos reconhecidos pela Declaração das Nações Unidas dos Direitos dos Povos Indígenas de 2007, sob o pretexto de que há apenas um povo francês de acordo com o artigo 2º da Constituição de 1958, que estipula que a França é “uma República indivisível, laica, democrática e social que assegura a igualdade perante a lei para todos os cidadãos, independentemente da sua origem” (o que é um problema que se coloca tanto na Guiana Francesa, bem como na Nova Caledônia e na Córsega, essa última com a reivindicação dos autonomistas pelo reconhecimento de um “povo corso”).

É também em nome de tal republicanismo que se trava uma guerra não contra as religiões em geral, mas contra a religião muçulmana, que é suspeita de ser incompatível com os “valores da República” por sua essência “separatista”, por assim dizer. A laicidade, tantas vezes invocada, não se refere mais ao respeito às crenças privadas por meio da neutralização das instituições estatais em assuntos religiosos, mas a um princípio identitário que combate à suposta islamização da sociedade (Gautier; Zacarini-Fournel, 2002, p. 245). Em outras palavras, a laicidade dita republicana tornou-se um disfarce para a islamofobia estatal (nas palavras de Jean-

François Bayard)<sup>10</sup>.

No fundo, trata-se realmente da expressão de um nacionalismo ideológico que gostaria de se fazer passar por universalismo. A França ilumina o mundo, tal é a crença nacionalista mais difundida, tanto pela direita como em parte da esquerda. Essa França não deve nada ao mundo e o que vem do mundo geralmente é ruim. A melhor prova deste nacionalismo ideológico é o antiamericanismo que se expressa através de palavras de origem anglo-saxônica cujo sentido não compreendemos, ou às quais atribuímos um sentido que nada tem a ver com o significado e o contexto original. O inimigo encontra sua fonte nos campi americanos, e é contra os campi americanos que devemos construir diques, ou melhor, inventar a vacina. São os campi americanos que estão nos invadindo e fazendo o jogo do islamismo, da fragmentação do país, da divisão do povo e da nação. Mas essa controvérsia também reflete uma ignorância militante. O “universalismo republicano” está fazendo campanha contra o pensamento crítico francês, que se universalizou verdadeiramente principalmente nos campi americanos, o que Blanquer chama justamente como uma pandemia mental e intelectual. Há aqui não apenas chauvinismo, mas a ilusão de que o “universalismo republicano” que eles reivindicam é o único universalismo, que todo o resto é um relativismo destruidor das bases do pensamento e da arte. Se eles não querem ver o que os autores franceses contribuíram para o pensamento social e filosófico em escala glo-

10. Citado in *ibid*, p. 245.



Revista do Programa de  
Pós-Graduação em Geografia e  
do Departamento de Geografia  
da UFES

Volume 2, n. 35  
Julho-Dezembro, 2022  
ISSN: 2175-3709

bal, eles também ignoram o fato de que nem tudo vem dos campi americanos, que obras muito importantes e mesmo inovadoras vêm da América Latina, da Índia ou do Oriente Médio. A confusão, por exemplo, entre estudos pós-coloniais resultantes de trabalhos anglo-saxões e estudos descoloniais que vêm principalmente da América Latina é prova da sua ignorância. Eles nem sequer suspeitam que essa denúncia deva, de fato, ir muito além dos Estados Unidos e abordar as ciências sociais, pois elas estão sendo redefinidas atualmente em escala global. Eles estão muito distantes dessas novas ideias, segundo as quais haveria epistemologias do Sul, ou mesmo um “pluriuniversalismo” fecundo, porque o mundo é francês. O que eles rejeitam, basicamente, é a mundialização do pensamento e das ciências sociais. Esse universalismo é tanto um nacionalismo ignorante quanto um provincialismo estreito. Para concluir, pode-se dizer que aqueles que equiparam qualquer posição antidiscriminatória com uma doutrina identitária e separatista são os primeiros a serem realmente os seguidores de uma lógica identitária que desconhece a si mesma, ou seja, a ideia de que haveria uma identidade do pensamento francês, que seria seu universalismo. E o perigo seria o de uma dissolução da identidade intelectual da França, assim como a imigração e o islamismo constituem uma ameaça à identidade nacional da população.

## CONCLUSÃO: UM NOVO MACARTHISMO

Talvez seja surpreendente que esses acadêmicos estejam se mobilizando contra fenômenos extremamente limitados e muito exagerados, enquanto a extrema direita abertamente racista, pronta para ameaçar as liberdades e o Estado de direito, é inteiramente poupada por sua “defesa da cultura ocidental”. Mas, na realidade, a sua luta, sem que eles reconheçam, não é científica, embora os organizadores e os palestrantes reivindiquem objetividade. O objetivo é político e seu método é estratégico. Já há algum tempo, através de fóruns de denúncia do wokismo e, antes, do “islamismo-esquerdismo”, uma pequena fração do mundo acadêmico, muito militante na defesa do verdadeiro pensamento universal francês, ou seja, republicano e anticomunitarista, vem tentando interessar e mobilizar os governantes para que identifiquem e punam aqueles que fizeram uso excessivo dessas teorias perigosas e desses conceitos tão suspeitos. Em suma, está ocorrendo um novo macarthismo que ameaça a liberdade de pesquisa. E foi perfeitamente formulado por Macron que considerou “o mundo acadêmico culpado” por ter “incentivado a etnicização da questão social”<sup>11</sup>.

Defender a cultura contra os bárbaros dos Estados Unidos é, em suma, a mola mestra do que parece ser a criação de um “pânico moral” no mundo acadêmico. São as ciências sociais e a filosofia que são acusadas por seu suposto conluio com as mobilizações feministas, homossexuais ou antirracistas. O que

11. *Entretien, juin 2021 dans le journal Elle. [Entrevista para a revista Elle publicada em junho de 2021] Acesso em: <https://www.elle.fr/Societe/News/Entretien-exclusif-Emmanuel-Macron-Je-ne-vais-pas-changer-de-Premier-ministre-3934126>.*

está em questão é uma evolução das ciências sociais que integraram (na França mais tarde do que em outros lugares) as questões de gênero, raça, sexualidade e colonialidade. Eu diria ainda mais, que o que se tornou comum nas ciências sociais é o aporte de Foucault sobre a estreita relação entre saber e poder e o questionamento do que é enviesado e dos limites dos pontos de vista dos dominantes. Seja do lado dos estudos feministas ou dos estudos pós-coloniais ou descoloniais, o que lhes é comum é a consideração dos dominados, dos subordinados, dos que não contavam, dos que eram apenas objetos de discurso. Trata-se de uma ruptura epistemológica com aqueles que pretendem desconsiderar as experiências e os enunciados dos sujeitos sociais. O que se denuncia como particularismo é justamente o fato de partir da experiência vivida, e especialmente das experiências negativas, o que invalidaria sua afirmação por ser proveniente de uma particularidade literalmente insignificante. Certos estudos “minoritários” podem sem dúvida ser criticados, por exemplo, por minimizar ou marginalizar a divisão social em classes (é o caso de Beaud e Noiriel) em favor do gênero ou raça (Beaud; Noiriel, 2021), mas é difícil ignorar que a problemática da interseccionalidade é projetada justamente para combinar e articular as diferentes categorias de desigualdades e discriminações na análise de experiências vividas concretamente. Não se trata de reificar “identidades particulares”, mas de combinar variáveis. Se há reificação de identidades, um pouco como a identidade operária no marxismo dogmá-

tico, há uma traição ao espírito dos métodos interseccionais. No plano metodológico, nada impede a combinação de critérios de classe com os de gênero, raça ou nação. Mas é igualmente certo que a crise do discurso marxista pode ter levado, por assim dizer, por efeito de pêndulo, a uma superestimação das categorias, de modo que o critério de classe pode ter sido minimizado em certos estudos. De qualquer forma, essa é a crítica que Beaud e Noiriel fizeram às problemáticas interseccionais (que, portanto, não eram suficientemente interseccionais). Mas essa não é a crítica feita pelos antiwokistas. O que eles censuram nas ciências sociais não é que elas esquecem a categoria de classe, mas que elas introduzem diferenciações onde só deveriam existir abstrações unitárias: Franceses, Cidadãos, Homens. Isso levanta questões sobre a capacidade das “elites” francesas de questionar o passado colonial da França e as suas consequências no presente; da mesma forma, essa ofensiva reacionária questiona a capacidade de avaliar o racismo e, em particular, o “racismo de Estado”, uma expressão de Bourdieu que é odiada pelos acadêmicos reacionários. Há uma estreita ligação entre a denúncia perpétua de 68, em um discurso que se pode dizer contrarrevolucionário, e as denúncias atuais. Porque o que é considerado uma doença mental saída da *French Theory*, é na realidade produto dos movimentos dos anos 60 e 70 e seus efeitos teóricos, notadamente na França. Ainda é o mesmo combate contra o grande impulso igualitário de 68 que continua, mas agora reinventando novos inimigos. ●



Revista do Programa de  
Pós-Graduação em Geografia e  
do Departamento de Geografia  
da UFES

Volume 2, n. 35  
Julho-Dezembro, 2022  
ISSN: 2175-3709

## REFERÊNCIAS

BEAUD, S.; NOIRIEL, G. *Race et sciences sociales: essai sur les usages publics d'une catégorie*. Paris: Agone, 2021.

DARDOT, P.; GUÉGUEN, H.; LAVAL, C.; SAUVÊTRE, P. *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. São Paulo: Ed. Elefante, 2021.

GAUTIER, C.; ZACARINI-FOURNEL, M. *De la défense des savoirs critiques: quand le pouvoir s'en prend à l'autonomie de la recherche*. Paris: La Découverte, 2022.